

OS CIGARROS QUE FUMAM A GENTE, OU A IMPOSSIBILIDADE DE SER SÓ

João José R. L. Almeida
limalme@uol.com.br

A melhor coisa que há no mundo não existe: é o mundo mágico. Eu já sei que no mundo acadêmico ninguém diz acreditar em mágica, mas temo que uma declaração como essa seja mais ou menos como aquelas outras que, vez por outra, ouvimos de algum inconsciente por aí: “aquela moreninha” (quando a pessoa quer dizer “negra”), ou “nós somos de centro” (quando a pessoa quer dizer “de direita”). Da mesma maneira que não ser negro nem de direita é bom no contexto racista e hipócrita do nosso banal cotidiano, não se pode pensar que se a melhor coisa do mundo é a mágica, alguém em sã consciência possa mui facilmente dizer “eu não acredito em mágica” e ao mesmo tempo seja realmente cético.

Ser cético é não somente terrível para a sobrevivência, pois deve levar facilmente à passividade e à abulia, mas eu apostaria todas as minhas fichas coloridas de que é impossível, conseqüentemente, sê-lo. Não quero discutir o ceticismo, a sua impossibilidade é apenas um pressuposto para o que pretendo dizer aqui, que é o meu ceticismo com relação ao mundo desencantado. Mas, atenção leitor: não há contradição nos meus próprios pressupostos. Eu apenas não acredito no ceticismo passivo, o que é, por outra parte, uma forma de ativo ceticismo (coisa completamente diferente).

Acredito, por exemplo, que o enorme sucesso da farmácia dos distúrbios emocionais se deve ao fato de o mundo ser, precisamente, encantado. Se fôssemos seres não vibráteis, se não tremêssemos diante da presença musical do outro, se pudéssemos agir maquinicamente, a psiquiatria não estaria como agora, incomodando a medicina. Psiquiatria e psicofarmacologia são parasitas da nossa imprevisibilidade constitucional, o fator x que nunca permite haver uma medicina completa, isto é, sem a psiquiatria.

Acreditar em mágica é estar em harmonia com o mundo encantado, é situar-se de acordo com a familiaridade e a cotidianidade da nossa existência mais fútil e mais banal, é acomodar-se no colo quente da pessoa amada e sentir-se completamente em casa. Como acreditar que alguém diga que não acredita nas coisas que faz - e que, se não faz, daria tudo para estar fazendo?

O encantamento explica-se, se não quisermos ser metafísicos, por um truque lingüístico: a formação de sentidos. Não sei por que razão nós, seres humanos, não podemos deixar de ordenar o mundo, de dar sentido a tudo que experimentamos, assim como não podemos nos recusar a utilizar objetos como instrumentos úteis a todos os fins, e a ocupar-nos de alguma forma com o outro. Freud, que pretendia ser científico, julgava ter a resposta deste modo de ser numa força psíquica interna de origem orgânica chamada “pulsão”. Porém esta palavra é metafísica, ela não tem a menor justificação empírica. Para além da própria ocupação com o mundo e as suas coisas, para além da própria formação de sentidos nos usos que fazemos dessas coisas do mundo e da maneira como entramos em relação com os outros, não há, me parece, qualquer fundamento nem explicação.

Isto posto, temos que reduzir-nos às nossas limitações humanas e tentar explicar a mágica sem nenhum truque de prestidigitação intelectual. Neste plano dos acontecimentos, eu diria que a mágica é nada mais que um apego tão extremo a um determinado sentido que sobrevive até mesmo às contradições mais flagrantes, segundo a realidade consensual que o próprio crente compartilha. Aquilo que todo mundo, inclusive o crente, acredita ser o real fica divergente daquilo que ele faz ou diz que crê. Um exemplo típico desta atitude podemos encontrar em situações de morte de entes queridos. A alguém que morreu de morte súbita e inesperada, não demoramos a ouvir a declaração “não terá sido em vão”, ou “nada é por acaso”, ou inclusive a frase ainda mais ousada “foi porque Deus quis”. Isto não é ouvido da boca de um clérigo ou espiritualista militante, mas de gente que vive como se Deus ou a realidade transcendente não existissem. Essas entidades abstratas só aparecem ali, naquela hora, como ferramentas úteis para consertar o vazamento hidráulico ou para obturar o rombo no casco do navio. A falta de sentido nestes casos é tão grande, que essas crenças são facilmente flagradas como tapa-buracos. Flagramos não só a aposição de sentidos ao inexplicável como tapa-buracos, como também a própria insuportabilidade da falta de sentido; o que, por conseguinte, explica todas as crenças mágicas: “tenho um sexto sentido me dizendo que vou passar na prova”, “eu sei que ele(a) me ama”, “um dia tudo vai melhorar”, “nós venceremos”, são maneiras de suplantar a instabilidade do mundo.

Temos então essas duas condições do encantamento: a falta de sentido e, como contraposição, o apego ou a resistência dos sentidos. Posso chamar ao primeiro de “angústia” e ao segundo de “imaginário”. Viver no equilíbrio entre a angústia, insuportável, e o imaginário, equivocado, é uma arte difícilíssima, exigiria uma sorte de desprendimento comprometido, uma alegria intensa e desobrigada, uma consciência de liberdade e um sentido ético cuja ocorrência é tão rara quanto preciosa. A maior parte do tempo nos metemos em tremendas confusões emocionais ou então agimos irracionalmente, como operários-padrões do horror ao intolerável. É dessa forma que aparecem os cigarros que nos fumam, não os cigarros que fumamos; os amores que nos têm, não os amores que temos; o dinheiro que nos controla, não o controle que temos do dinheiro; a religião que nos possui, não a que possuímos. Todos os auto-enganos mediante os quais esperamos iludir e aplacar nossa consciência. Por

vezes a contradição entre angústia e imaginário, ou horror e segurança, é tão grande que surgem curto-circuitos em forma daquilo que os psicanalistas chamam de surtos psicóticos, fobias, paralisias histéricas ou compulsões obsessivas.

É curioso o fato de que gostamos tanto de ter amigos, por ser sofrida a solidão, que passamos a freqüentar sempre as mesmas pessoas de todos os dias, e, em pouco tempo, adotamos imperceptivelmente um comportamento tribal. Vejo sempre em festinhas por aqui como geralmente as pessoas estão conversando e se divertindo entre si sem jamais se misturar ou se perder entre desconhecidos, apesar do evento ser, como diz o nome, uma “festa”. Às vezes o medo ao desconhecido é tão grande que a pessoa mal consegue disfarçar a rigidez corporal quando é surpreendida pelo estranho. Tem gente que louva o comportamento tribal, mas é inegável que ele se faz ao preço do apagamento da diferença da subjetividade, em prol, é claro, da segurança interna que brinda a identidade social.

A mágica, o comportamento tribal, o patriotismo cego, o fundamentalismo e as relações amorosas infelizes são todas filhas da mesma condição humana. O mais comum entre nós é preferir a segurança do mundinho estreito e monótono a arriscar-se no mar furioso da liberdade. No entanto, o preço da segurança às vezes também é cancerígeno e mortal.